

# Correspondência em arquivo: a epistolografia de Josué Guimarães

## Correspondence in Archive: The Epistolography of Josué Guimarães

Miguel Rettenmaier<sup>1</sup> 

Bruna Santin<sup>2</sup> 

<sup>1</sup>Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, Brasil

<sup>2</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

E-mails: [mrettenmaier@hotmail.com](mailto:mrettenmaier@hotmail.com); [bruna-santin11@hotmail.com](mailto:bruna-santin11@hotmail.com)

**RESUMO:** Este estudo dedica-se à correspondência de Josué Guimarães, sob guarda do ALJOG/UPF, na Universidade de Passo Fundo e objetiva propor uma categorização genética para seu epistolário. Com pouco mais de quinhentas cartas, divididas entre ativas, passivas e sobre o escritor, viu-se a necessidade de enquadrar de maneira epistêmica essas correspondências, a fim de identificar o grau e a tipologia de gênese que essas carregam. Tal categorização parte exclusivamente das particularidades do ALJOG/UPF e da personalidade por trás dos relatos. Para isso, importa salientar que este estudo parte da crítica genética, alicerçado por Willemart (2016), Gréssilon (2007) e Pino e Zular (2006), além do embasamento do gênero epistolar que partem de Rocha (2017), Diaz (2016) e Bouzinac (2016). Pretende-se demonstrar o fazer estético de Josué Guimarães, mas também seus movimentos missivistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Correspondência, Crítica Genética; Josué Guimarães.

**ABSTRACT:** This study focuses on the correspondence of Josué Guimarães, under the custody of ALJOG/UPF, at the University of Passo Fundo and proposes a genetic categorization for his epistolary. With just over five hundred letters, divided into active, passive and about the writer, we saw the need to frame these correspondences in an epistemic way, in order to identify the degree and typology of genesis they carry. Such categorization is based exclusively on the particularities of ALJOG/UPF and the personality behind the reports. To this end, it is important to highlight that this study is based on genetic criticism, based on Willemart (2016), Gréssilon (2007) and Pino and Zular (2006), in addition to the epistolary genre based on Rocha (2017), Diaz (2016) and Bouzinac (2016). The aim is to demonstrate Josué Guimarães' aesthetic work, but also his letter writing movements.

**KEYWORDS:** Correspondence, Genetic Criticism; Josué Guimarães.

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**MR:** Curadoria de Dados, supervisão, validação, escrita – análise e edição;

**BS:** Curadoria de Dados, validação, escrita – rascunho original.

### COMO CITAR

RETENMAIER, Miguel;  
SANTIN, Bruna.  
Correspondência em arquivo:  
a epistolografia de Josué  
Guimarães. *Revista da Anpoll*,  
v. 55, e1995, 2024. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v55.1995>

# 1 INTRODUÇÃO

*A certa altura, já não sei quem escreve, quem lê. Já não há dia nem noite, as horas são todas as mesmas. Não há hierarquia entre as amizades, estão todas ali, achatadas.*  
(Marcílio França Castro, 2024, p. 110)

Situada no norte do Rio Grande do Sul, a Universidade de Passo Fundo é a instituição que preserva os itens do Acervo Literário de Josué Guimarães (ALJOG/UPF) por quase vinte anos. É o segundo espaço a albergar o arquivo, que esteve até 2007 na PUCRS, sob coordenação de Maria Luiza Remédios. O acervo do escritor gaúcho resguarda mais de oito mil itens que compõem diversas pesquisas de graduandos e pós-graduandos. Em característica expansiva<sup>1</sup>, o acervo de Josué Guimarães constitui um espaço outro para além do espólio. Arquivado e desarquivado, o “espólio” transforma-se em centro de pesquisa e de memórias, às vezes deslocadas de qualquer categorização pré-existente. A organização e a rotina de trabalho investigativo em arquivo literário configuram-se dentro de uma certa particularidade de acordo com o escritor que nomeia o acervo, da mesma forma como se desenvolve mediante olhar dos sujeitos acervistas, no posicionamento interpretativo veiculado às próprias demandas de pesquisa. Seria como interpretar o objeto à maneira de extração de sentidos, na percepção que varia de acordo com cada sujeito. Museus, centros de memórias, exposições ou qualquer outro espaço heterotópico estão fora de sua situação real de criação. Todo e qualquer movimento que delegue a mínima curadoria implicará em escolhas, as quais oscilam entre expor ou esconder. Para tanto, a ação de interpretar entra em arquivos como um elemento que ora busca entender, ora realocar materiais e textualidades quase sempre inicialmente situados como fenômenos desordenados.

Este<sup>2</sup> estudo visita exatamente um desses espaços, um acervo literário. O principal objetivo dessa pesquisa é, assim, apresentar uma realocação da materialidade do ALJOG/UPF ao que diz respeito ao seu epistolário, documentos particulares e de tom confessional daquilo que não pode ser dito na confrontação da presença. Cartas, documentos ausentes, quase sempre figuram no limite da interpretação usual de qualquer pesquisador que ouse adentrar em discursos e deslocá-los em um tempo que não os dos epistológrafos. Em um atributo discursivo particular, nenhuma correspondência é igual a outra, assim como nenhum missivista é o mesmo, seja como sujeito identificado, seja como emissor ou receptor que se aproxima e se transforma frente ao escrito/lido. Nessa teia de relações, há, também o arquivo onde estão esses documentos, que, por uma série de questões topológicas, são classificados obedecendo o limite frágil do que se considera “organização”. Como afirma Bordini, “Os documentos literários preservados em acervos constituem uma ordem heterogênea de objetos físicos, cujo leque de manifestações apresenta extrema variedade” (2020, p. 16). Cada arquivo por si só é um campo transversalizado por heterogeneidades e vivências particulares de sujeitos em histórias diversas. Josué Guimarães foi singular em suas ações, e seu arquivo reflete esse *si*, essa *persona*

---

<sup>1</sup> “A característica expansiva do acervo, somada à criatividade do pesquisador, é que o transforma em fonte de sempre novos sentidos, mantendo viva a receptividade de um escritor junto ao público. Nesse sentido, a tarefa primordial de um acervo é zelar pela incolumidade dos documentos que o compõem” (Bordini, 2020, p. 68).

<sup>2</sup> Este estudo resulta da dissertação de mestrado em Letras, *Prezada palavra: literatura e correspondência em Josué Guimarães* (2023) de Bruna Santin, sob orientação de Miguel Rettenmaier.

aberta às leituras de sua memória, dos resquícios de uma construção autobiográfica<sup>3</sup>. Sobre isso, Bordini ainda complementa que

Em um trabalho de pesquisa literária, as fontes primárias devem ser levadas em conta como uma corrente de dados, de elos associativos, dispersando-se não apenas linearmente, mas como constelações que se movem no espaço-tempo. O rumo será dado pelo interesse temático da pesquisa, o qual não deve ser aprioristicamente definido, mas sim emergir de algum dos vestígios, o qual, no ato de interação com o sujeito-pesquisador, suscite alguma hipótese a ser testada (Bordini, 2020, p. 16).

Este artigo trará uma remodelação de quatro categorias pensadas a partir do ALJOG/UPF, a saber: a) *A partenogênese missivista: a carta como o único movimento de criação*, b) *A carta que acompanha o processo*, c) *A carta de testemunho*, d) *A carta de pós-processo*. Importa reiterar que essas categorias foram criadas a partir da crítica genética, ciência que dentre muitos objetivos, observa o nascedouro de um texto. Essas categorizações obedecem a uma ordem metodológica particular no que diz respeito ao estudo no acervo do autor de *Depois do último trem*. A correspondência é experimentada como o nascedouro, abandono e especulação do fazer artístico em contexto específico. Tal ato de “ordenar”, contudo, não deixa de “desordenar”, já que cartas que não carregam percurso genético não entram nessa subdivisão. Linhas particulares, autobiográficas ou relatos de outros escritores abrem margem para outras divisões que não as genéticas propriamente ditas, a menos que essas carreguem o mínimo movimento criacional, por mais hipotético que esse possa ser, por mais implícito que esteja.

## 2 O MISSIVISTA E A PRODUÇÃO ESTÉTICA

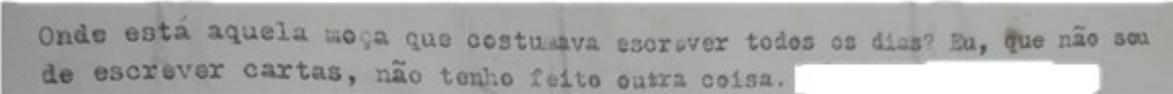
Com pouco mais de quinhentas correspondências, Josué Guimarães tem seu epistolário revisitado periodicamente. Cartas de amor, amizade, trabalho e processo literário se confundem em meio a fonogramas, telegramas e pequenos bilhetes escritos à mão e que narram diversas circunstâncias que caminham sempre no exterior do limite do íntimo domiciliar da correspondência. Interessa, contudo, esclarecer alguns passos do Guimarães com a sua relação na escrita das cartas. Muitos escritores se preocupam com o destino posterior de sua correspondência, já alguns não possuem uma noção ou o desejo de serem lidos. A carta nada mais é do que um mecanismo de comunicação acionado, que acontece e depois ocupa uma gaveta qualquer de um canto no escritório, ora para comprovar uma tratativa, ora para se ter a lembrança de um momento que já ficou no passado minutos após a gravação no papel pelo destinatário e leitura do sujeito de destino. Tal fato é mencionado por Bouzinac em *Destino: posteridade*, ao afirmar que

---

<sup>3</sup> Para Barreiros, um acervo “não é um conjunto assistêmico de guardados, ele se constitui como um produto autobiográfico, uma escrita de si, resultante de um processo de contínuas reescritas. Entende-se que essa construção não seja um ato inocente e desprezioso do escritor que, notadamente, ao organizar o acervo, tinha em vista um provável leitor. Todavia, tal argumento não desautoriza a legitimidade da documentação, mas salienta complexidade que reside em debruçar-se sobre ela como objeto de estudo”. (Barreiros *et al.*, 2017, p. 46).

O problema do estatuto do 'autor' do epistológrafo é a inseparável do problema da intenção de destinar a carta a alguém. Vários epistológrafos, sem confessá-lo, escreveram com a ideia de serem lidos um dia ou outro por terceiros ou ainda de serem publicados. Nesse sentido, pode-se falar de desvio da relação de destino (Bouzinac, 2016, p. 182).

O destino de uma carta, se não descartada após a leitura, é incerto, no meio de um livro como marca-páginas, em uma caixa de guardados esquecidos ou cuidadosamente acondicionada com primor, buscando por releituras. O que se sabe sobre um epistológrafo foi o que ele quis deixar, por descuido ou propositadamente. Uma das curiosidades diante do fazer epistolar de Josué Guimarães sempre foi a forma com que ele lidava com a escrita desses materiais. Há poucas correspondências deixadas que não sejam passivas. As ativas são cópias, ao que tudo indica, de assuntos considerados como importantes para o escritor. Poucas escritas de si, poucos elementos a explorar. Tal curiosidade aponta para o fato de que Josué<sup>4</sup> não queria ser lido, e não fazia questão de escrever cartas, como pode ser visualizado em uma missiva enviada à sua esposa Nydia Guimarães:



Onde está aquela moça que costumava escrever todos os dias? Eu, que não sou de escrever cartas, não tenho feito outra coisa.

**Figura 1:** Correspondência de Josué Guimarães enviada à Nydia Guimarães. Data de envio ilegível. Fonte: ALJOG/UPF.

Ao cobrar por mais cartas da destinatária, Josué acaba relatando, em um pequeno trecho a sua relação com o epistolário. Essa missiva em questão é uma das únicas cartas que apresentam essa particularidade de maneira objetiva. Talvez fosse perene a Josué o questionamento que Diaz realiza em seu livro *O gênero epistolar ou pensamento nômade*, quando a autora questiona o porquê confiar a memória viva na carta:

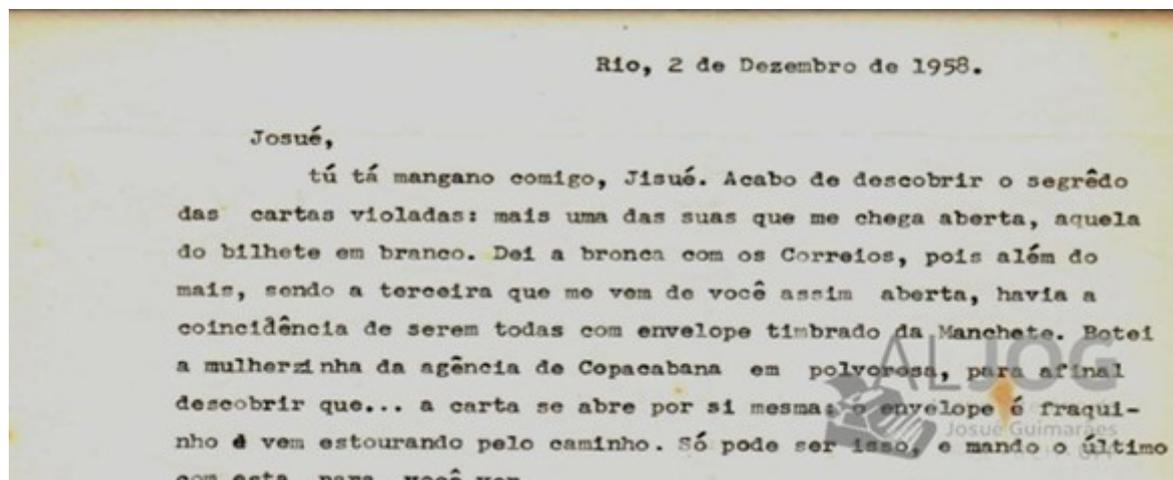
Por que, então, confiar a memória viva de si à carta, suscetível, todavia, de todos os desvios? É um dos paradoxos do gesto epistolar. Ao mesmo tempo, é dirigido por um princípio de economia e uma preocupação de perenidade – toma-se ciência daquele que fomos, em um momento de nossa existência, e tenta-se guardar a sua marca -, mas também por uma lógica de perda. Escrever cartas é consentir em escrever 'para nada' se não para ninguém; é suportar ver desaparecerem seus escritos na boca de sombra do correio; é aceitar se amputar desses pequenos pedaços de si mesmo que leitores canibais – fantasmas, diria Kafka – engolirão sem consideração pela nossa sobrevivência (Diaz, 2016, p. 135).

O ato de escrita é em si um abandono. O que se escreve sempre deixa de ter dono, seja um artigo, seja um poema. Uma carta tem um signatário, mas esse é “amputado de si mesmo” no que o destino pode apresentar de desvios e de perigos. Em uma sequência de correspondências

---

<sup>4</sup> O trabalho em acervo permite certa proximidade com o autor. Para os acervistas é artificial referir o autor formalmente como “Guimarães”. Assim, a liberdade de uso do primeiro nome do escritor é como parte autorizada pela rotina da pesquisa.

trocada com Fernando Sabino, percebeu-se que algumas delas chegavam ao destino abertas, indicando uma aparente violação, em uma perigosa intromissão, talvez na medida semelhante ao que um acervista faz com a correspondência em seu *corpus* de estudo.



**Figura 2:** Fragmento de correspondência enviada por Fernando Sabino a Josué Guimarães, datada em 02 de dezembro de 1958.

Fonte: ALJOG/UPF.

Por óbvio, alguns autores almejam ser lidos, inclusive organizam o seu epistolário buscando uma publicação póstuma ou em vida. Porém, não se tem como negar o caráter enlouquecedor e por vezes até cruel de ter alguém vasculhando o que é seu, já que “a carta é um testemunho que pode prejudicar seu autor” (Bouzinac, 2016, p.71) e, a depender da época em que se vive, tal colocação é real. Contudo, se não destruída, o segredo de uma carta não pode ser garantido, dada a justificativa das mais diversas envergaduras, seja para fins legais seja, atualmente, para fins de pesquisa.

Assim, o segredo da correspondência aparece como um direito da pessoa, reivindicado conforme a necessidade contra o totalitarismo familiar e patriarcal. A ausência desse direito marca a exclusão da cidadania: nas prisões, o diretor ou o vigilante-chefe têm o direito (e o dever) de abrir as correspondências dos detentos que podem escrever livremente às autoridades administrativas e a seu advogado. Da mesma forma, os diretores dos asilos psiquiátricos têm a possibilidade de ler a correspondência de seus doentes (Bouzinac, 2016, p. 75).

Percebe-se que adentrar em discursos alheios também tem relação com a fragilidade da comunicação epistolar. Muitos escritores, ciosos quanto as possibilidades de destino de suas cartas, ou se desfaziam delas ou as guardavam sob segredo. O pouco que Josué Guimarães deixou, no entanto, é responsável por boa parte do que o ALJOG/UPF tem diante da conduta escritural de um escritor de não muitas cartas.

## 2.1 A categorização da correspondência no ALJOG/UPF

O acervo de Josué Guimarães seguiu durante quase toda a sua existência a catalogação proposta por Maria da Glória Bordini (1995), responsável pelas fundações do acervo do escritor

de Erico Verissimo, base do projeto do Acervos de Escritores Sulinos, que congregava vários acervos numa única instituição, a PUCRS, em Porto Alegre. Dentre as classes de Bordini, estava a correspondência, presente na classe 02 e dividida em cinco momentos: a) enviada pelo autor; b) recebidas pelo autor; c) sobre o autor; d) enviada a familiares; e) convites feitos. Tal tipificação visava triar as cartas para fins organizacionais e de acondicionamento. Mais tarde Rettenmaier (2020), com o arquivo já em Passo Fundo, tomando como base a catalogação pré-existente de Bordini, organizou nova classificação ao Acervo de Josué Guimarães em quatro eixos, sendo o terceiro deles a correspondência do autor. Tal classificação sintetizada a organização de Bordini, visando a catalogação em um banco de dados relacional, na seguinte proposta: 1) Produção ativa, 2) Produção Passiva, 3) Correspondência, 4) Inventário. Cada eixo possui desdobramentos, com exceção à correspondência.

<b>1</b>	<b>Produção Ativa</b>	
1.1	Não publicada	Prototextos
1.2	Publicada	Livro Capítulo Lv.
1.3		Periódico - Jornal - Revista
<b>2</b>	<b>Produção Passiva</b>	
2.1	Publicada	Livro Capítulo Livro.
2.2		Periódico - Jornal - Revista
2.3		Trabalho Acadêmico
2.4		Outra: - Audiovisual - Web
<b>3</b>	<b>Correspondência</b>	
<b>4</b>	<b>Inventário</b>	
		Arte
		Biblioteca
		Fotografia
		Memorabilia
		Objetos Pessoais

Fonte: ALJOG/UPF

**Figura 3:** Tabela explicativa das categorias do ALJOG/UPF, desenvolvida por Miguel Rettenmaier. Fonte: Miguel Rettenmaier (2020).

A metodologia empregada na elaboração da organização proposta por Rettenmaier delimita a distribuição do espólio como um todo para fins de catalogação digital, que permite a *alocação digital dos itens*. Essas entradas fazem parte do projeto Catalogador, resultado de Estágio Pós-Doc de Rettenmaier em Santiago de Compostela (USC) em 2014, que pretendia a digitalização do acervo do escritor, dentro de um banco de pesquisa com hiperlinks correlacionais e temáticos. Importa salientar que a digitalização dos itens se justifica por uma preocupação. Todo e qualquer item dentro de um acervo literário fica permanentemente na condição de acondicionamento, zelo e curadoria. Jornalista por boa parte de sua vida, os itens do escritor Josué Guimarães são, dentre outras categorias, em quantidade significativa, publicações na imprensa em papel-jornal. Aí reside a fragilidade que tempo aplica ao material. O mesmo acontece também quanto aos originais, já que, por hábito, o papel que Josué utilizava em seus escritos primários eram laudas de pauta de jornal.

A correspondência habita o arquivo nesse sentido na mesma ordem de uma metodologia de acondicionamento, classificação, catalogação, embora, por suas características, esteja alheia de uma taxonomia que a delimite como produção ativa ou passiva. Ela está em ambas e não pode ser separada do contexto de um diálogo, de um texto que provoca/responde a outra, que é lido/escrito. O que importa salientar é que a correspondência de Josué Guimarães é um terreno que

por si só apresenta organismos com vida independente do arquivo, e qualquer enquadramento é somente uma tentativa de ordenar aquilo que não busca por uma organização. As categorias propostas a partir de agora, tomam como ponto de partida uma pretensa categorização de caráter científico, utilizando a crítica genética como ciência basilar, o que por sua vez exclui diversas correspondências, inclusive as pessoais. Por isso, deve-se tomar nota que o recorte aqui proposto por si só se configura como uma curadoria que serve ao ALJOG/UPF, mas que não comporta todas as pesquisas desenvolvidas com esse gênero, nem no arquivo e nem em outros centros.

## 2.2 Métodos e metodologia: a correspondência e a crítica genética – uma abordagem nem sempre possível

Para uma carta ser considerada como gênese ou parte dela é necessário que ela mencione explícita ou implicitamente um movimento criacional. Quando isso acontece, ela migra também para a categoria “prototexto”, associado aos manuscritos que integram o processo genético de determinada obra:

A noção de manuscrito, para a crítica genética, difere um pouco do uso comum: por manuscrito entende-se qualquer documento no qual seja possível encontrar um traço do processo de criação, e não necessariamente os manuscritos autógrafos (do próprio punho do escritor). Assim, a crítica genética considera manuscritos, por exemplo, **a correspondência do autor** (se nela há discussões sobre a criação de suas obras (Pino e Zular, 2007, p. 18. Grifo nosso).

Por isso, a correspondência, para além de um espaço afetivo, também acompanha e testemunha uma escritura dentro de um movimento discursivo. É por isso que ela se mostra como gênero que possui um valor em potencial no entendimento de uma escritura. Mas o que valida todo o processo é a leitura do crítico, fator importante no processo de especulação desses materiais. “A leitura exige várias escutas, o que poucos críticos ou amadores fazem, e não se aplica apenas à poesia” (Willemart, 2016, p. 189). Essas escutas não estão ligadas ao texto final publicado de que o leitor/pesquisador já possui conhecimento, mas a uma leitura por camadas, que nem sempre conseguem ser meramente sobrepostas.

Como geneticistas, e supondo que a escritura é legível ou já é decifrada, tentamos entender não a história que já é conhecida, mas a maneira ou os movimentos escriturais que fabricaram o texto. É a mesma pulsão de saber que nos leva à leitura do livro publicado, mas diferente. Nos ligamos às palavras, às frases e à sintaxe e nos engolfamos atrás delas como se elas formassem um túnel no qual nos enfiamos para entender os sulcos, os suportes e os andaimes. A pulsão escópica continua a nos mover, mas associada à do saber, ligada ela mesma à das origens que reside à pergunta: de onde isto vem? (Willemart, 2016, p. 196).

Nessa seara, entra a correspondência, fornecendo um paradigma de gênero que nenhum outro manuscrito talvez seja capaz de ofertar. A carta quando associada aos percursos de gênese testemunha, experiencia e atesta determinado movimento. Rocha sobre isso pondera que “o preceito da carta como espaço do transbordamento criativo de escritores para os quais a carta não se escreve de maneira dissociada da prática ficcional” (Rocha, 2017, p. 177). Assim,

enviar trechos de obras, ideias e até pequenos momentos do cotidiano que alavancaram a uma escritura é um traço do fazer ficcional que pode ter tanto significado quanto o próprio texto finalizado. O volume das cartas, os assuntos mais pontuais, os diálogos dos correspondentes e a forma com que um autor encarava a escritura fazem parte do tratamento analítico, cujo olhar deve se voltar para o sucesso de um estudo genético que posiciona esses materiais como estudo da gênese.

Traços do processo criativo de Josué Guimarães foram observados através de suas correspondências. Títulos, alterações de rumos criativos, influência de outros escritores em seus textos e até abandonos já foram identificadas em diálogos muitas vezes desordenados. Cartas que acusam o envio desse tipo de texto têm lugar dentro do acervo. Curtas, objetivas e que deixaram uma cópia, muito provavelmente para fins de comprovação de envio, caso alguma prova se perdesse pelo caminho. Na vida pessoal, o autor é econômico e de poucos correspondentes. Na vida editorial os discursos são mais passivos do que ativos, e em sua maioria breves. Cartas editoriais somam um maior número. Por isso, basicamente a sua gênese dentro do epistolar foi de assuntos travados com editores. Temos, ainda, as cartas de amigos escritores, motivadores de mudanças em opiniões importantes à literatura de Guimarães. Desse modo, quatro padrões de correspondências com teor manuscrito se repetem nas pesquisas desenvolvidas até aqui, sendo uma categorização especulativa. Elas mostram momentos e movimentos específicos de redação e criação das obras do autor.

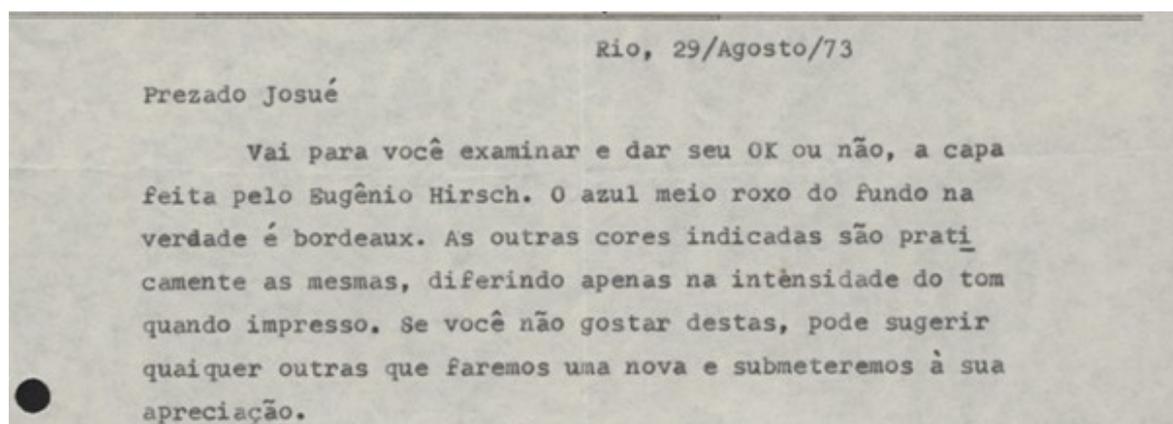
### 2.3 A partenogênese missivista: a carta como o único movimento de criação

Josué Guimarães é um ficcionista tardio, começa a escrever por volta dos cinquenta anos, após toda uma vida dedicada ao jornalismo e, eventualmente, à política, embora seu engajamento crítico tenha evidentes conotações ideológicas em seu trabalho de imprensa. Assim, “neófito” no ofício, buscava frequentemente opiniões. Este tipo de categoria refere-se ao fato de Guimarães não escrever de forma a encaminhar os seus textos no corpo de uma correspondência. Nem de maneira fragmentada. Essa tipologia de carta confere ao terreno epistolar a noção de manuscrito em todos os aspectos. Muitos autores encaminhavam poemas, poesias, contos, fragmentos de textos para que seus correspondentes lessem e opinassem sobre os movimentos de escrita. Com sorte, recebiam apontamentos e sugestões no corpo da missiva, ou ainda uma resposta mencionando os (des)agrados. Cartas raras, oscilam na fragilidade do tempo e do descarte, com sorte ficam sob a tutela de seus missivistas através de cópias. Muitos anexos eram enviados junto às correspondências, textos completos tais como contos, capítulos de romances e afins. No entanto, o anexo costumava estar à parte missivista, não encontrando um lugar dentro da carta, estando fora dela. Acabava, assim, perdendo-se e incorporando outros materiais do escritor. Josué Guimarães não possui esse tipo de correspondência no arquivo, mas mandou textos em anexo aos seus missivistas que atestaram o envio. Porém, nesse aspecto, não temos uma carta manuscrito, apenas um testemunho de lapidação de um texto. Cartas de partenogênese, por outro lado, são o próprio texto/manuscrito e muitas vezes, o único movimento de um texto que pode ter ficado inédito ou não.

### 2.3.1 A carta que acompanha o processo

A carta que acompanha o processo caminha junto com a produção do texto. É como um percurso escritural concomitante ou que antecede à publicação da obra. Esses tipos de discursos ancoram a produção e a recepção prévia de uma escritura e a enquadram a partir de opiniões avaliadas, em retomadas de projetos e interrupções. Esse tipo de missiva é indutor de mudanças pequenas e radicais dentro de um texto, e é a grande responsável por abandonos de escritura. Tendo como premissa de que “a carta serve também para isto: fazer o outro de refém e obrigá-lo a assistir à eclosão de um pensamento, de uma identidade, e dela participar, queira ou não” (Diaz, 2016, p. 65), muitas vezes, Josué buscou por opiniões sobre os seus textos enquanto os escrevia, desenvolvendo discursos que acompanharam o seu percurso como ficcionista e travando diálogos editoriais. Por isso, esse tipo de correspondência pode ser ativa ou passiva, desde que entregue o que estava sendo realizado, decisões acatadas pelo autor ou pela editora, ou até mesmo por amigos e familiares.

Na carta a seguir, é apresentado um diálogo passivo, cujo assunto é capa de um livro, não mencionado, mas subentendido como *Depois do Último Trem*, em fase de diagramação dada a data da missiva em questão e a cronologia das obras publicadas de Josué.

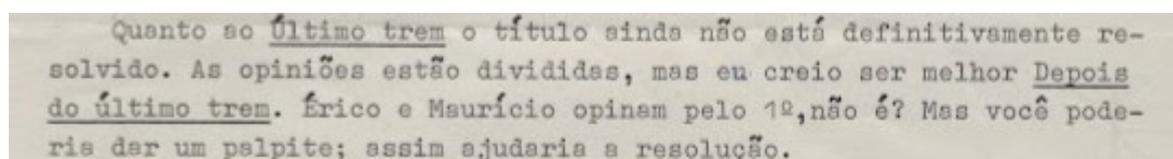


**Figura 4:** Correspondência recebida por Josué Guimarães de sua editora. Datada em 29 de agosto de 1973. Fonte: ALJOG/UPF.

As correspondências que visam acompanhar a escrita de um livro são as mais interessantes, porque nelas surgem relatos de todas as demandas e variáveis. Por que um autor abandonou o seu texto? No que ele se inspirou para escrever essa sequência? Tais perguntas podem ser respondidas através dessas correspondências, que guardam para além do percurso criativo a voz do escritor, seus impasses, hesitações, suas tomadas de decisão. Na carta em questão o assunto é editorial, e a preocupação é uma das etapas finais: a diagramação. Particularmente, Josué gostava de se envolver nesses assuntos. É comum encontrar esboços de capas e desenhos que, aprovados pela editora, compuseram a publicação final do texto. Relatos como esse assumem o poder manuscrito de uma correspondência, que pode ser também um manuscrito de trabalho. Grésillon sobre a forma de enxergar manuscritos desse caráter, pontua:

Não, o objeto dos estudos genéticos é o manuscrito *de trabalho*, aquele que porta os traços de um *ato*, de uma enunciação em marcha, de uma criação que está sendo feita, com seus avanços e seus bloqueios, seus acréscimos e seus riscos, seus impulsos frenéticos e suas retomadas, seus recomeços e suas hesitações, seus excessos e suas faltas, seus gastos e suas perdas (Grésillon, 2007, p. 51-52, Grifo da autora).

Apesar de ser um manuscrito também de trabalho, a carta comumente é isenta de rasuras e de retomadas, como um datiloscrito, por exemplo. Ela não habita a pergunta retórica “o que se quis dizer, ou o que se quis apagar”. Ela seguidamente diz... ou não. É isso que configura a grande pauta do gênero epistolar, o seu perigo e ao mesmo tempo a sua beleza. O autor, na maioria dos casos, não vai “corrigir” a sua correspondência se nela enxergar que falou de mais, ou de menos. Ele simplesmente a jogará fora e começará outra. A escrita limpa, sem garatujas, é a grande preocupação dos epistológrafos. Ainda perante o processo criativo de *Depois do último trem*, as movimentações que acompanham o texto são interessantes:



Quanto ao Último trem o título ainda não está definitivamente resolvido. As opiniões estão divididas, mas eu creio ser melhor Depois do último trem. Érico e Maurício opinam pelo 1º, não é? Mas você poderia dar um pelpite; assim ajudaria a resolução.

**Figura 5:** Fragmento de correspondência enviada pela editora a Josué Guimarães, datada em 15 de maio de 1973.

Fonte: ALJOG/UPF.

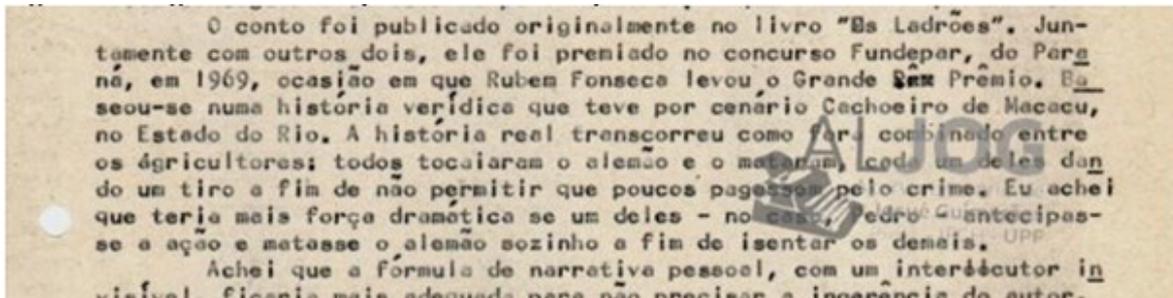
Em outras correspondências ativas, Josué diz que o amigo Erico Verissimo opinou por se inserir a palavra “Depois” antecedendo a “Último trem”, e que ele deixava a editora com “o voto de minerva”. Ao que tudo indica, a editora acatou o pedido e decidiu por *Depois do último trem*, como mostra a carta da Figura 5. Decisão simples e de cunho externo, já que Josué considera as opiniões de seu círculo para uma decisão relativamente cotidiana no mundo editorial. Excursões como essa, apontam, contudo, para outro polo: o acompanhamento de um texto através de suas correspondências pode e conseguirá explicar fatores e apagamentos que outros materiais jamais terão acesso. A prova disso é o livro *Depois do último trem*, um dos textos que mais deixou percurso criativo registrado, inclusive em carta.

### 2.3.2 A carta de testemunho

A correspondência pode testemunhar uma escritura já finalizada, e salvo aspectos de diagramação, como capa, sintaxe ou erros comuns às fases pós-editoriais, ela não possui o poder de modificar em largo alcance o curso de um texto. A carta de testemunho, comprova movimentos, inspirações e até mesmo o porquê de um texto ter sido abandonado. Esses relatos nem sempre são rotineiros, dado que em muitos momentos falar sobre a escrita aciona um mecanismo doloroso e que não carece de visitação póstuma.

Falar de acompanhamento missivista é comprovar ideias, respostas e inspirações. O comportamento nessas correspondências é de total desvelamento. “o escritor intuitivamente sabe o que provavelmente quer” (Willemart, 2022, p. 26) e, ao posicionar-se sobre o que ele quer, automaticamente deixa-se para trás o que ele decidiu não escolher. As cartas de testemunho realizam exatamente essa triagem, que não acontece através da rasura, da hipótese interpretativa

através da biblioteca, ou qualquer outro elementos dentro de um manuscrito. A missiva atesta discursivamente, comprovando dentro de uma margem (às vezes ficcionalizada).



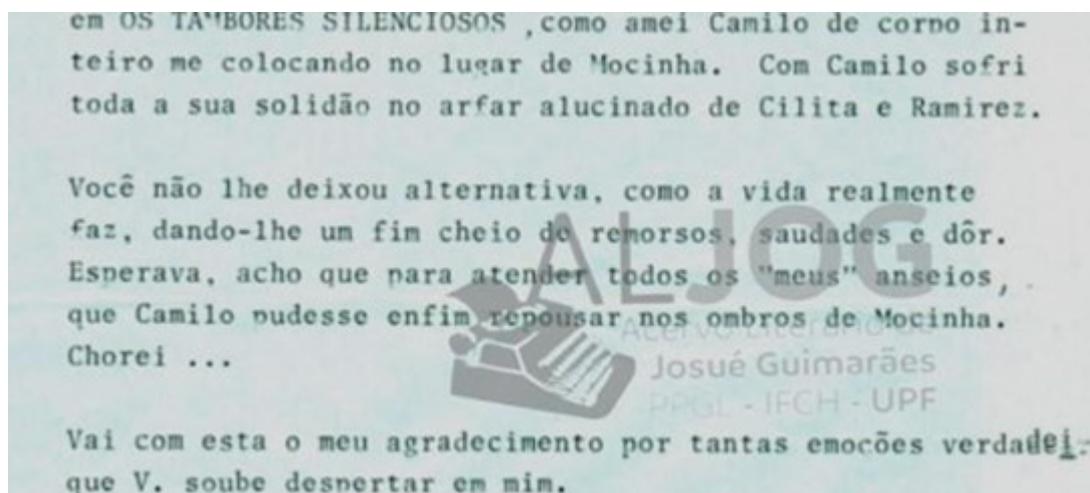
**Figura 6:** Fragmento de correspondência, enviada por Josué Guimarães. Não datada.  
Fonte: ALJOG/UPF.

No discurso em questão, Josué estava sendo cotado para uma adaptação em teatro do conto premiado “Mãos sujas de terra” e, ao explicar ao seu correspondente, acaba mostrando um percurso externo, que tem a ver com a inspiração cotidiana e que possui muito valor no caso de Josué. Jornalista por décadas, não é incomum histórias reais serem adaptadas e recriadas em livros. A carta de testemunho, por isso, viabiliza a hipótese e a transforma em comprovação, mas acontece após a publicação de um texto.

### 2.3.3 A carta de pós-processo

Neste movimento, a carta tem o poder de modificar um texto publicado no sentido narratológico. O poder desse tipo de correspondência é extenso e valorativo e é atribuído, geralmente, à crítica (amigos de um círculo literário), editora ou a crítica leitora. Não incomum, leitores costumam encaminhar cartas aos autores, buscando por respostas diante da narrativa e sugerindo elementos de construção.

No caso de Josué Guimarães, existe um compilado de correspondências de pós-processo muito importante, que gerou um manuscrito inédito, mas não chegou a modificar a obra final. Uma rede intertextual interna abarca questões que não mencionadas em um texto publicado, mas que ainda assim modifica um curso de um texto que já estava acabado:



**Figura 7:** Correspondência enviada a Josué Guimarães por uma leitora. Datada em 1981.  
Fonte: ALJOG/UPF.

O livro em questão é *Camilo Mortágua*, publicado em 1980, que coloca o seu protagonista, Camilo, em final de vida, vítima do acaso. Leitores inconformados, ao relatarem suas experiências, acabaram que sugerindo de maneira branda, como a leitora da figura 7, outro final. Josué preocupado, reescreve o último capítulo, com um final “feliz”, mas não o publica. O ALJOG/UPF tem acesso ao manuscrito inédito do final alternativo, encorajado por cartas de leitores. Tal texto, poderia ter perfeitamente modificado uma obra conclusa, mesmo que veiculado em outro lugar que não a reedição do livro. Contudo, por motivos desconhecidos não modificou. Cartas como essa são comuns no acervo, mas não abundantes e quase sempre precisam de outros materiais para se justificarem.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discurso obviamente contextuais, muitas vezes desprovidos da presença de uma provocação ou de uma réplica, mas constituintes, por inferência, da voz de um si, nas recebidas, ou de um outro, nas emitidas, a correspondência atesta a mobilidade de um texto e do caráter “di-víduo” (Zular, 2022, p. 154) do escritor. Assim, na ordem de todas as bases intertextuais que compõem todo o texto, em sua condição responsiva, as cartas dão conta, tanto quanto os manuscritos, redigidos, lidos, rasurados, de como o sujeito que escreve é “uma pessoa múltipla, fractal, distribuída por uma miríade de objetos, atos, pessoas, papéis sociais e personagens” (Zular, 2022, p. 154). Os estudos da correspondência em acervo, da mesma forma como questiona limites fixos entre público e íntimo, colabora para o questionamento do mito da criação individual, colocando a criação fora da exclusiva introspecção. Para Zular, o texto publicado é parte de “um processo de produção e recepção, de práticas de escrita e de leitura que o atravessam” (Zular, 2022, p. 154).

As cartas contêm a voz de seus destinatários, mesmo a antecipam, e, ao integrarem o processo genético, fazem-se quase objeto/obra. Se não nem sempre elevam o signatário a condição de autor, estão em ato, mobilizando as pulsões do escritor, que observa, sente, olha, lê (Willemart, 2019, p. 80). Afinal, em carne e osso, o escritor sobre influências inevitáveis “da vida social e da cultura, do lugar da arte e da escrita, da sua classe social e das instituições, daquilo a que tece acesso e da sua formação” (Zular, 2022, p. 159).

Josué Guimarães, jornalista, amigo, confidente em alguns momentos, deixa nas trocas epistolares o testemunho de que sua obra tinha outivas à alteridade. Suas cartas apontam um processo que permitia compartilhar um movimento de relações, as quais, não negam a interação necessária a um fazer criativo e, por óbvio, político, mesmo em momentos de exceção.

## REFERÊNCIAS

- BARREIROS, Patrício *et al.* A interface rizomática do acervo: construção do dossiê arquivístico para elaboração de edições digitais. *A cor das letras*, v. 18, n. 2, 2017.
- BORDINI, Maria da Glória. *Cadernos do centro de pesquisas literárias da PUCRS: manual de organização do acervo literário de Erico Verissimo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- BORDINI, Maria da Glória. *Matérias da memória*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020.
- BOUZINAC, Geneviève Haroche. *Escritas epistolares*. Tradução: Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução: Brigitte Hervot; Sandra Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- CASTRO, Márcio França. *O último dos copistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.
- GRÉSILLON, Almuth. *Elementos da crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Tradução: Cristina de Campos Velho Birck *et al.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- PINO, Claudia Amigo; ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- RETTENMAIER, Miguel. Josué e a nuvem: o ALJOG/UPF digitalizado (etapas de um processo). *Manuscrita: revista de crítica genética*, São Paulo, n. 40, p. 78-95, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscrita/article/view/177980/164999>. Acesso em: 24 de set. 2024.
- ROCHA, Vanessa Massoni da. *Por um protocolo de leitura do epistolar*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2017.
- SANTIN, Bruna. *Prezada palavra: literatura e correspondência em Josué Guimarães*. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Humanidades, ciências, educação e criatividade, Universidade de Passo Fundo, 2023. Disponível em: <https://tede.upf.br:8080/jspui/handle/tede/2493>. Acesso em: 30 de set. 2024.
- WILLEMART, Philippe. *Os processos de criação em À sombra das raparigas em flor: a pulsão invocante e a psicologia no Espaço em Proust*. Cotia: Ateliê Editorial, 2016.
- WILLEMART, Philippe. Genética, psicanálise e neurociência. In: WILLEMART, Philippe. *A escritura pela rasura: a crítica genética em busca de outros saberes*. São Paulo: Perspectiva, 2022.
- WILLEMART, Philippe. *A escritura na era da indeterminação*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2019.
- ZULLAR, Roberto. Por uma antropologia da escritura. In: WILLEMART, Philippe. *A escrita pela rasura. A crítica genética em busca de outros saberes*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2022.